

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Luan Vinicius Bernardelli
(Organizador)



Luan Vinicius Bernardelli

(Organizador)

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E19	A economia numa perspectiva interdisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Luan Vinicius Bernardelli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-505-1 DOI 10.22533/at.ed.051193007 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia. I. Bernardelli, Luan Vinicius. II. Título. CDD 330
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A ciência econômica é marcada pelo estudo do funcionamento dos mercados, determinação das taxas de juros, câmbio, entre diversos outros aspectos que são relacionados aos aspectos gerais macroeconômicos e microeconômicos. Contudo, o estudo das ciências econômicas possui um forte caráter multidisciplinar, o que potencializa o impacto dos estudos econômicos na sociedade.

É fundamental compreender como os agentes se organizam economicamente e, de maneira constante, buscar aprimorar a qualidade de vida das pessoas. O estudo da economia tem como finalidade principal aumentar o bem-estar da sociedade, contudo, trata-se de um processo complexo que envolve uma série de fatores.

Dessa forma, a multidisciplinaridade tem muito a oferecer para o desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, para o entendimento das relações econômicas entre os seres humanos. Nesse sentido, no e-book “A economia numa Perspectiva Interdisciplinar”, apresenta-se artigos que contribuem para o estudo das ciências econômicas sob o enfoque multidisciplinar, abordando importantes temas sobre as atuais relações econômicas entre os agentes.

A complexidade dos agentes econômicos impossibilita a reprodução e o entendimento das relações econômicas por meio de uma ciência exata. Nesse sentido, a economia é estudada como uma ciência social, que deve ser constantemente testada e mensurada, a fim de se aprimorar o modo de organização social.

A organização deste livro não está pautada sob um critério único, dado a diversidade de temas e métodos que são apresentados. Neste livro, o leitor poderá contemplar 35 capítulos que debatem a economia numa perspectiva interdisciplinar. Os trabalhos abrangem diversas temáticas, como o desenvolvimento econômico sob o enfoque regional e territorial, a fim de mostrar a importância do espaço e da região nos estudos econômicos. Questões relacionadas ao comportamento do consumidor nos tempos atuais também podem ser apreciadas. Importantes conceitos sobre uma Economia Solidária, que se trata de uma temática de estudo em constante evolução no Brasil e possibilita o desenvolvimento de formas alternativas de geração de emprego e renda, principalmente para pessoas de baixa renda. Além disso, diversos outros textos discutem questões pertinentes no atual contexto econômico.

Neste livro também se encontram trabalhos sobre diversas regiões e estados brasileiros, evidenciando que, além de uma grande diversidade em relação aos temas e métodos, a ciência econômica sob caráter interdisciplinar está sendo investigada em todo território nacional e contribui com todas regiões do Brasil. Dessa forma, o leitor poderá contemplar estudos de pesquisadores de todo o país, de Universidades Estaduais, Federais, centros e instituto de pesquisa, entre outras importantes entidades contribuintes à ciência nacional.

Por fim, desejo que o leitor desfrute dos artigos apresentados nesta edição, ressaltando a importância do estudo das ciências econômicas sob caráter

interdisciplinar. Certamente, este livro dará suporte aos leitores para a compreensão da importância do estudo da economia e suas áreas correlatas.

Luan Vinicius Bernardelli,
Doutorando em Teoria Econômica pelo PCE/UEM

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (DO OESTE) DE SANTA CATARINA: ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Alyne Sehnem Juliano Luis Fossá Marcia Berti Fiorin	
DOI 10.22533/at.ed.0511930071	
CAPÍTULO 2	13
A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL	
Seonária Costa Santana Alane Amorim Barbosa Dias Cleudson Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0511930072	
CAPÍTULO 3	21
O PAPEL DO TERRITÓRIO NOS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS REDES SOLIDÁRIAS	
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza Auro Aparecido Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930073	
CAPÍTULO 4	33
A ECONOMIA PAULISTA ANTES DO CAFÉ: AGRICULTURA, COMÉRCIO E DINÂMICAS MERCANTIS NA REGIÃO DE “SERRA ACIMA” (C. 1800-C. 1820)	
Marco Volpini Micheli	
DOI 10.22533/at.ed.0511930074	
CAPÍTULO 5	60
CAFEICULTURA, URBANIZAÇÃO E CAPITALISMO: O CAMPO E A CIDADE NO SÉCULO XIX, JUIZ DE FORA-MG	
Felipe Marinho Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.0511930075	
CAPÍTULO 6	74
MODA, CULTURA E CONSUMO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	
Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri	
DOI 10.22533/at.ed.0511930076	
CAPÍTULO 7	87
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR E NOVAS PROCURAS: OS VALORES CULTURAIS DO QUEIJO MINAS ARTESANAL	
Lélis Maia de Brito Lidiane Nunes da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0511930077	

CAPÍTULO 8	99
COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE	
Juliana Abonizio Eveline Teixeira Baptistella	
DOI 10.22533/at.ed.0511930078	
CAPÍTULO 9	112
CONSUMO, BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA	
Telmara O. Benevides Campos Ricardo de Araújo Kalid Milton Ferreira da Silva Junior Maria Olímpia Batista de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930079	
CAPÍTULO 10	125
OS PASSATEMPOS DA VIAGEM: UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE CONSUMO NOS BRT DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	
Marília do Nascimento Silva Alcides Jairon Lacerda Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.05119300710	
CAPÍTULO 11	137
CONECTANDO AGRICULTURA – ALIMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO	
Caroline Conteratto Álvaro Sérgio Oliveira Daiane Thaise Oliveira Faoro Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300711	
CAPÍTULO 12	147
ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO COMO BASES PARA UMA NOVA CONDIÇÃO MATERIAL DA EXISTÊNCIA	
Yuri Rodrigues da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05119300712	
CAPÍTULO 13	159
DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM SOLIDÁRIA	
Gabriel Gualhanone Nemirovsky Édi Augusto Benini Elcio Gustavo Benini Eziel Gualberto de Oliveira Henrique Tahan Novaes Martina Nogueira Lima Raphael Camargo Penteadó Gustavo Henrique Petean	
DOI 10.22533/at.ed.05119300713	

CAPÍTULO 14	173
ECONOMIA SOLIDÁRIA, PRÁTICAS ESPACIAIS E TERRITÓRIOS DISSIDENTES EM RIO CLARO (SP)- BRASIL	
Auro Aparecido Mendes Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	
DOI 10.22533/at.ed.05119300714	
CAPÍTULO 15	182
EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PARCERIA POTENTE NA LUTA POLÍTICA	
Ana Elídia Torres	
DOI 10.22533/at.ed.05119300715	
CAPÍTULO 16	191
UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Lourença Santiago Ribeiro Diego Palma de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.05119300716	
CAPÍTULO 17	201
GERAÇÃO DE RENDA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA COM USUÁRIOS DE CAPS-AD II	
Gabriela Zanim Patrícia Tosta Soares Regina Célia Fiorati	
DOI 10.22533/at.ed.05119300717	
CAPÍTULO 18	213
CURSO FORMATIVO PARA O FORTALECIMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SAUDÁVEL EM RIBEIRÃO PRETO-SP	
Mariana Pantoni Santana Regina Célia Fiorati Perla Calil Pongeluppe Wadhy Rebehy Regina Yoneko Dakuzaku Carretta Daniel Yacoub Bellissimo Julia Terra Ribeiro do Vale Marta Cristiane Alves Pereira Rogério Cerávolo Calia José Luiz Bahia Patrícia Soares	
DOI 10.22533/at.ed.05119300718	
CAPÍTULO 19	222
ESTUDO DE CASO: IMPLANTAÇÃO DE UMA INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA UTFPR/ CÂMPUS DE APUCARANA	
Márcia Cristina Alves Marcelo Capre Dias	
DOI 10.22533/at.ed.05119300719	

CAPÍTULO 20	234
SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles Wesley Freire dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300720	
CAPÍTULO 21	246
O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS	
Raoni Fernandes Azerêdo Pedro Ivan Christoffoli Anelize de Souza Muller Campos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300721	
CAPÍTULO 22	258
ELEMENTOS PARA A DETERMINAÇÃO MATERIAL DO DIREITO NOS TEXTOS ECONÔMICOS TARDIOS DE MARX: O MOVIMENTO DO DIREITO NA VIA CLÁSSICA	
Lucas Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05119300722	
CAPÍTULO 23	278
FORMAS ESTATAIS E REGIMES DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	
Matheus de Araújo Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.05119300723	
CAPÍTULO 24	291
EVOLUÇÃO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA EXTRATIVA E INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2000 A 2011	
Luciane Rosa de Oliveira Bruna Márcia Machado Moraes Angélica Pott de Medeiros Reisoli Bender Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300724	
CAPÍTULO 25	311
MODELO DE GESTÃO PARA AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS MEDIANTE A APLICAÇÃO DE MÉTODO SWOT	
Caroline Conteratto Laura Possani Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300725	
CAPÍTULO 26	322
MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA	
José Maria Ferreira Costa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.05119300726	

CAPÍTULO 27	335
RELEVÂNCIA DA IMAGEM CORPORATIVA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UM ESTUDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300727	
CAPÍTULO 28	347
EBC: A CIDADANIA PERDIDA	
Valéria de Castro Fonseca	
Célia Maria Ladeira Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05119300728	
CAPÍTULO 29	358
A PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS (DES)ASSISTIDOS TRABALHADORES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS	
Arlete Candido Monteiro Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300729	
CAPÍTULO 30	372
IMPACTOS DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA DO CARVÃO MINERAL NA ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA	
Eduardo Netto Zanette	
Silvio Parodi Oliveira Camilo	
DOI 10.22533/at.ed.05119300730	
CAPÍTULO 31	395
VIVER ENTRE O MAR E A TERRA: UMA COMPARAÇÃO DO PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS PERSEGUIDOS PELO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO EM SALVADOR E CARTAGENA DAS ÍNDIAS XVI-XVII	
Jéssika de Souza Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.05119300731	
CAPÍTULO 32	415
OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves	
Fellipe Sá Brasileiro	
Edilson Targino de Melo Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300732	
CAPÍTULO 33	425
RÁDIOS LIVRES E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MUDA	
Ricardo Franco Llanos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300733	
CAPÍTULO 34	438
GESTÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA EM UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI	
Tiago Santos Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.05119300734	

CAPÍTULO 35	449
<i>SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL</i>	
Flávio Gomes da Silva Lisboa	
Marilene Zazula Beatriz	
DOI 10.22533/at.ed.05119300735	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	460

UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS

Lourença Santiago Ribeiro
Diego Palma de Castro

A temática Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) desenvolveu-se em um contexto capitalista, tendo por objetivo o aumento da produtividade e, por conseguinte, o lucro das empresas.

Apesar de estarem inseridos no cotidiano desde os tempos antigos, os estudos sobre a QVT tiveram início nos anos 1960, em Londres, quando Eric Trist e seus colaboradores organizaram e aplicaram algumas pesquisas. A pesquisa sobre QVT foi retomada na década de 1980, no Japão, com o objetivo de alcançar o controle total da produção, e surgiu então a preocupação com a qualidade de vida dos trabalhadores (SCHMIDT; DANTAS, 2006, p. 55). Um olhar para a QVT implica analisar as concepções de trabalho ao longo da história da humanidade, bem como em diferentes contextos e/ou modelos econômicos.

Considerando os princípios e as características da Economia Solidária – EcoSol, percebe-se que, diferentemente do que prega o capitalismo, é possível produzir, distribuir e consumir de forma justa, solidária e sustentável, gerando trabalho e distribuição

de renda e superando a alienação do trabalho. A via para que isso aconteça é o exercício da democracia, a partilha por igual dos resultados econômicos, políticos e culturais entre os participantes, assim como o reconhecimento do ser humano na sua integralidade. Nessa perspectiva, o ser humano é sujeito e finalidade da atividade econômica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trabalho

Sobre a origem e a história do trabalho, Marx e Engels (citados por FURTADO, 2011, p. 50) relatam que, em determinado momento da história da humanidade, os indivíduos passaram a fazer uso contínuo e sistemático de instrumentos que os auxiliassem na realização de seus afazeres. Esse seria, segundo Furtado (2011, p. 50), um dos momentos mais importantes da evolução humana, já que foi a partir daí que o homem passou a conceber de forma antecipada a ação a ser realizada e os recursos necessários. Para o autor, outro marco na história do trabalho foi o momento que as relações de trabalho passaram a ser compreendidas como relações sociais, ultrapassando sua função de garantir sobrevivência e permitindo a acumulação e a

programação da produção.

Furtado (2011) esclarece que, na sociedade primitiva, o trabalho era realizado de acordo com a necessidade do coletivo, e os afazeres eram desenvolvidos de forma a garantir a subsistência dos indivíduos. Somente 9 mil anos depois do surgimento da agricultura, e em meio a uma nova ordem econômica, política e social, o trabalho passou a ser desenvolvido com o objetivo de produzir riqueza, acumulá-la e manter segmentos sociais privilegiados e dominantes.

Após a Idade Média, o conceito de trabalho ganhou um sentido positivo e passou a ser entendido como uma ação autocriadora, e o homem como um criador de si e da natureza. Nessa perspectiva, os indivíduos ganharam espaço para desenvolver e aplicar suas capacidades, e tal evento foi um dos determinantes por mudanças estruturais na sociedade, tais como o surgimento das cidades e a implantação de valores e conceitos próprios de sociedade patriarcal; no entanto, foi um período de pouco avanço científico, já que a igreja matinha o domínio sobre o conhecimento produzido (WOLECK, 2002).

Na Idade Moderna, o trabalho ganhou nova importância. O trabalho qualificado passou a ser diferenciado do não qualificado e o produtivo, do não produtivo, e houve a separação do manual e intelectual, tornando-se uma atividade compulsiva e incessante (KURZ, 1997). Conforme complementa Woleck (2002), na Idade Moderna, todas as atividades humanas tornaram-se foco de negociação, e essa lógica predominou na vida e na existência humana.

Segundo Pinto (2007, p. 19), foi a partir da idade moderna que “o trabalho foi incorporado pelo modo de produção capitalista e submetido aos interesses de classes”, como se pode verificar na relação entre empresários, detentores do capital, e empregados, pessoas que contavam apenas com a sua capacidade de trabalho. Sendo assim, cabia unicamente ao empregado vender sua capacidade de produção ao empresário, dando origem ao trabalho assalariado. O autor relata que, no início, o capitalista se interessava somente pelo fornecimento de matéria-prima e de alguns produtos transformados pelos trabalhadores, para repassá-los a comerciantes e consumidores. Para o autor, foi a luta pelo controle do trabalho humano que levou o capitalista a adentrar o processo produtivo já de início, com a apropriação de instrumentos de trabalho, terras e matérias-primas, cabendo aos trabalhadores apenas a venda de seus conhecimentos de transformação da matéria-prima em produtos finais.

Por fim, o trabalho tornou-se parte da cultura, e nele os seres humanos passaram a depositar certas atribuições. Conforme a teoria de Marx, é por meio do trabalho que o homem se torna um ser social. Portanto, pode-se dizer que é fonte de experiência psicossocial, pois ocupa um espaço no desenvolvimento da vida humana, não sendo somente meio de satisfação de necessidades básicas, mas também fonte de identificação, autoestima, desenvolvimento de potencialidades, sentimento de participação na sociedade, além de colaborar na busca da identidade

Qualidade de vida no trabalho

O Conceito de QVT tem por base a definição de qualidade de vida. Segundo Salles e Federighi (2006), as variáveis que determinam a qualidade de vida são: saúde física e psicológica, convicções pessoais, relações pessoais e ambientais. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006, p. 3) define qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e de sistema de valores nos quais ele vive e em relação a objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

O conceito apresentado pela OMS deu origem à definição de QVT. No entanto, Fernandes (1996) acrescenta que se trata de uma construção multidimensional referente à satisfação em geral do sujeito e à busca de equilíbrio entre vida pessoal, profissional, sentimento de pertencer ao grupo de trabalho e a sensação de ser valorizado e respeitado. Leva em consideração, por exemplo, o cuidado do bem-estar e do ambiente como fundamental para garantir melhor produtividade e qualidade no trabalho, além de maior satisfação na vida pessoal (CAVASSANI; CAVASSANI; BIAZIN, 2006).

Os estudos sobre QVT, em sua grande maioria, estão relacionados ao aumento da produção e/ou à diminuição dos custos de produção, ocasionando sobrecarga e insatisfação dos trabalhadores. Conforme menciona Schein (1982), os seres humanos dedicam-se verdadeiramente ao trabalho a eles designado quando têm suas expectativas atendidas; as quais nem sempre estão relacionadas a retorno financeiro e nem são palpáveis. São, na verdade, necessidades subjetivas que envolvem o senso de dignidade e valor da pessoa.

Segundo Schein (1982), o comportamento dos trabalhadores no ambiente corporativo está relacionado à forma como são tratados, assim como às normas e aos valores que observam internamente. Em sendo verdade a colocação do autor, seria muito complicado falar de QVT em uma sociedade capitalista, que tem como motor de desenvolvimento o controle excessivo do processo produtivo, a alienação e a exploração da mão de obra, além da precarização nos ambientes de trabalho. Max-Neef (2012) corrobora ressaltando que, no contexto atual, marcado por diferentes tipos de explorações, exclusões, desigualdades sociais, no qual o capital é o que determina a ordem econômica, é possível se deparar com um aumento dramático das patologias coletivas, entretanto não é *expertise* curar um indivíduo e recolocá-lo em um ambiente enfermo.

Na QVT, existem elementos comuns ao ideário da EcoSol, sendo assim, é possível fazer essa correlação para a ampliação do conhecimento da QVT e da desmistificação da precarização do trabalho atribuído à EcoSol.

Economia solidária

A Economia Solidária (EcoSol) nasceu na Europa como resposta à crise instaurada pelo surgimento do capitalismo industrial, caracterizado pelo novo arranjo produtivo baseado no uso da máquina, na industrialização dos processos e na exploração dos trabalhadores, gerando o empobrecimento e a exclusão dos artesãos (SINGER, 2002). Dois eventos históricos corroboraram para que essa crise se instaurasse: a primeira Revolução Industrial, que ocorreu na Grã-Bretanha, e a expulsão em massa dos camponeses que viviam sob os domínios senhoriais e que se tornaram proletários. Ao mesmo tempo que muitos dos serviços, até então desenvolvidos artesanalmente, passaram a ser executados por processos mecânicos, em maior quantidade e em menos tempo, existia um número cada vez maior de pessoas em busca de emprego.

Para Nascimento (2011), não existe EcoSol sem autogestão e vice-versa. O autor justifica seu posicionamento dizendo que a origem da EcoSol e a retomada dos princípios do movimento operário as tornam, se não sinônimas, no mínimo conceitos que não existem separadamente. A EcoSol é “o conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com certo grau de democracia interna que promove a justiça econômica e equidade de gênero, seja no campo ou na cidade” (p. 91). Enquanto a autogestão é “um ideal de democracia econômica e gestão coletiva que caracterizam um novo modo de produção” (p. 92).

Para Singer (2002), a EcoSol é um modo de produção que se diferencia das organizações que funcionam na lógica capitalista, principalmente pela forma como é gerenciada. A empresa capitalista pratica a heterogestão, ou seja, a administração hierárquica, na qual quanto maior o nível hierárquico do funcionário maior é o seu poder dentro da organização. Conforme destaca o autor, “à medida que se sobe na hierarquia, o conhecimento sobre a empresa se amplia porque as tarefas são cada vez menos repetitivas e exigem iniciativa e responsabilidade por parte do trabalhador” (SINGER, 2002, p. 18). Já os empreendimentos econômicos solidários (EES) praticam a autogestão, ou seja, todos os membros e/ou associados conhecem todos os processos existentes e participam da tomada de decisão.

Os princípios básicos da EcoSol são: a utilização coletiva da propriedade e o direito à liberdade individual, sendo que a “aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica” (SINGER, 2002, p. 16).

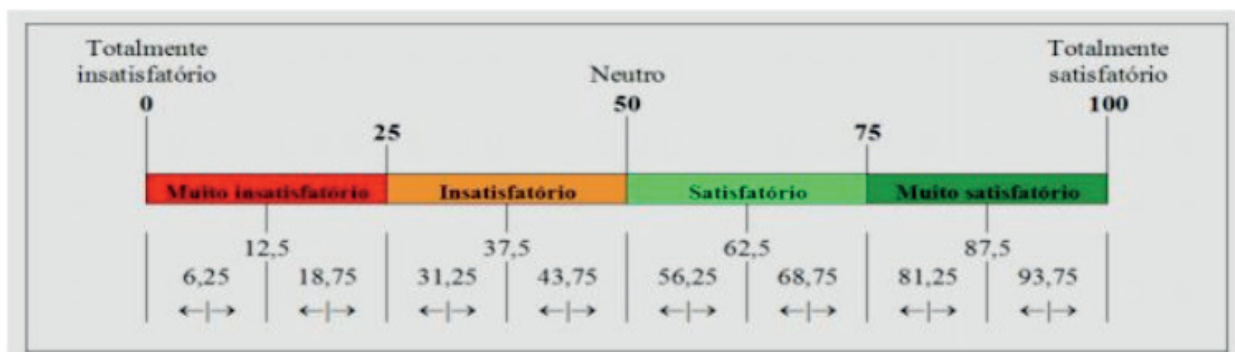
METODOLOGIA

A investigação foi realizada com trabalhadores e trabalhadoras que integram o programa Municipal de EcoSol do município paranaense de São José dos Pinhais,

que no momento da pesquisa contava com 105 trabalhadores(as). Foram aplicados trinta questionários no grupo, do qual 93% são mulheres, com idade entre 18 e 66 anos, com nível de escolaridade variado, do fundamental completo à pós-graduação. Os dados foram coletados individualmente durante a Feira de Natal promovida pelo Programa Municipal de EcoSol, que aconteceu na primeira quinzena de dezembro de 2014.

A ferramenta utilizada para a coleta de dados foi o Questionário de Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho (TQWL-42)¹, elaborado por Pedrosa (2010), um instrumento composto por 47 questões fechadas, das quais cinco são destinadas à identificação da amostra e as demais estão distribuídas entre as cinco esferas.

Os dados coletados foram tabulados e analisados com base na tabela de classificação de qualidade de vida, elaborada por Timossi et al. (2009, p. 10), com as notas que foram atribuídas pelos trabalhadores entrevistados aos aspectos essenciais para que exista QVT.



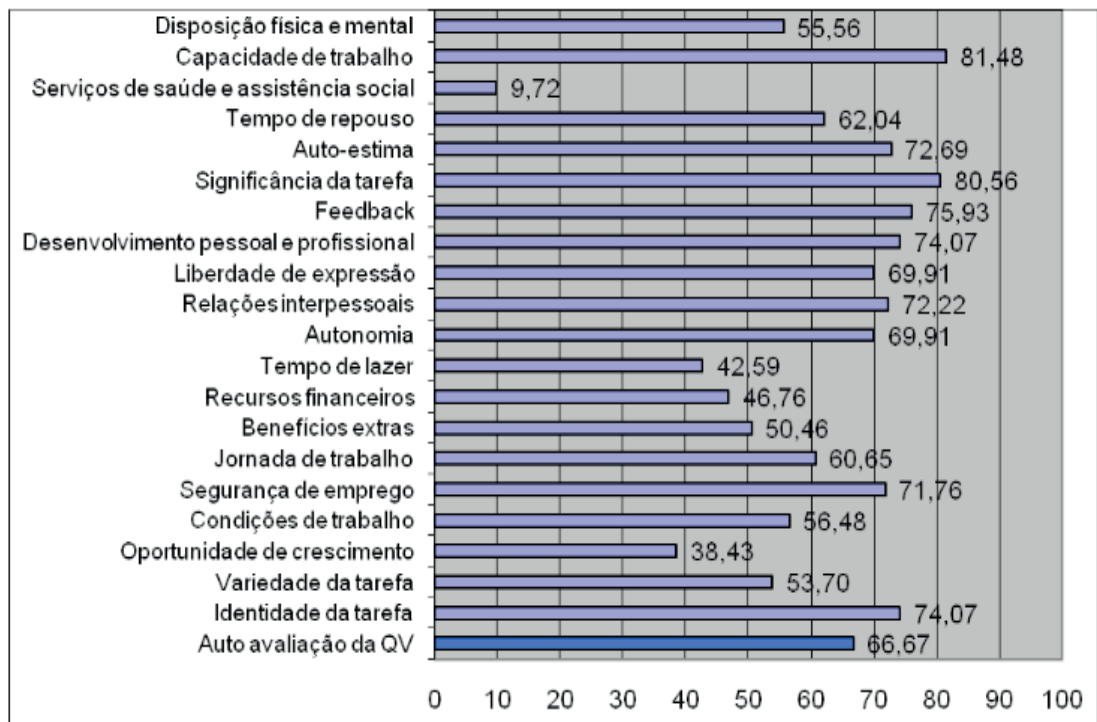
Classificação da QVT

Fonte: Timossi (2009).

ANÁLISE DOS DADOS

Na sequência, apresentamos os dados obtidos com o estudo realizado com trabalhadores e trabalhadoras que integram o programa municipal de EcoSol.

1 Sigla formada pelas iniciais de Total Quality of Work Life.



Questões, esferas e aspectos analisados

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Conforme demonstrado na figura, os quatro primeiros aspectos apresentados (disposição física e mental, capacidade de trabalho, serviço de saúde e assistência social e tempo de repouso) dizem respeito à esfera Biológica/Fisiológica. Pela análise dos dados apresentados, é possível perceber que os trabalhadores entrevistados dispõem de alta “capacidade de trabalho” (81,48), um aspecto importante caso o Empreendimento de Economia Solidária deseje expandir sua produção. Ao analisar a esfera Biológica/Fisiológica, verifica-se também a carência de “serviços de saúde e de assistência social” (9,72), item que teve a pior avaliação entre todos os aspectos analisados pela pesquisa.

Os itens “autoestima”, “significância da tarefa”, “*feedback*” e “desenvolvimento pessoal e profissional” correspondem à esfera Psicológica/Comportamental, que foi bem avaliada pelos entrevistados, considerando que, na tabela de classificação de QVT apresentada anteriormente, os entrevistados se mostraram de satisfeitos a muitos satisfeitos em relação a essa esfera. O aspecto “significância da tarefa” recebeu 80,56 de pontuação, ratificando o que relatam os teóricos partidários da EcoSol defensores desse modelo de organização para a produção, pois possibilita a superação da alienação do trabalho, fator que leva à ressignificação do trabalho e propicia que os trabalhadores reconheçam a importância de seu trabalho, seja para o EES ou para a sociedade.

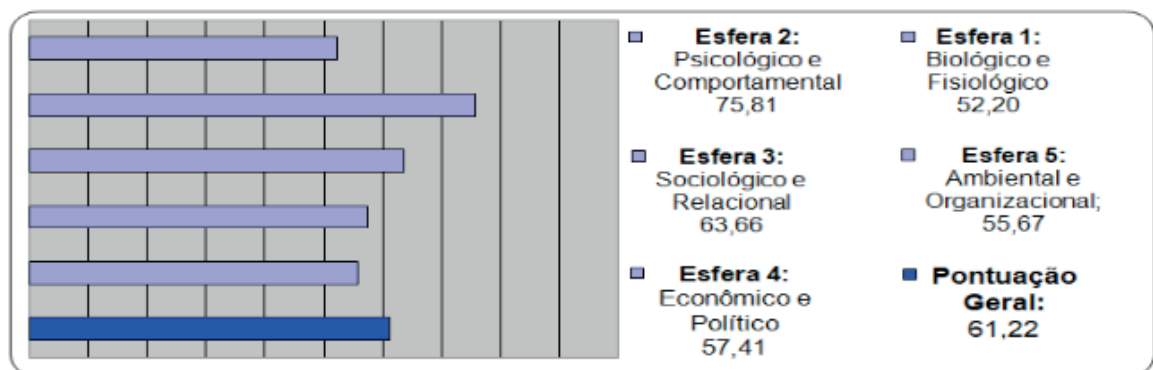
Seguindo a análise, na esfera Sociológica/Relacional, os trabalhadores estão satisfeitos com a liberdade de expressão, relações interpessoais constituídas e com a autonomia que têm no trabalho. No entanto, apresentam-se insatisfeitos com o tempo

de que dispõem para o lazer, aspecto que recebeu 42,59 pontos. Considerando que os trabalhadores entrevistados disseram estar satisfeitos com a jornada de trabalho que cumprem, infere-se que fatores externos ao trabalho impactaram o resultado.

Na esfera Econômica/Política, foram analisados os recursos financeiros advindos do trabalho realizado, os benefícios extras recebidos, como, por exemplo, seguro saúde e bônus, a jornada de trabalho e a segurança no emprego. Sobre os aspectos analisados, tem-se que os rendimentos advindos dos EES ainda não são satisfatórios, pois o item “recursos financeiros” recebeu 46,76 de avaliação, no entanto, conforme já mencionado, os trabalhadores estão satisfeitos com a jornada de trabalho exercida e com a segurança que o trabalho lhes proporciona.

Por fim, na esfera Ambiental/Organizacional, foram analisadas condições de trabalho, oportunidade de crescimento, variedade de tarefas desenvolvidas e a identificação com as tarefas executadas. Os dados do gráfico nos permitem inferir que os trabalhadores se identificam com as atividades desenvolvidas, no entanto percebem poucas oportunidades de crescimento, aspecto que recebeu 38,43 de pontuação.

Tendo em vista que o instrumento de coleta de pesquisa foi elaborado a fim de realizar uma pesquisa por eixo e ou esfera, calculou-se a pontuação média por esfera, e o resultado deu origem ao gráfico apresentado a seguir.



Esferas analisadas

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

As esferas e/ou variáveis apresentadas no gráfico possibilitaram analisar a satisfação dos trabalhadores no que se refere ao equilíbrio entre vida pessoal e profissional, à forma como são tratados, ao sentimento de valorização e respeito, ao ambiente de trabalho e aos resultados obtidos.

Conforme a classificação apresentada por Furtado (2011), os dados mostram que, no geral, os trabalhadores estão satisfeitos, ou seja, a QVT deles é satisfatória. No entanto, os dados também apontam que algumas esferas carecem de maior atenção, como a esfera Biológico/Fisiológico e a esfera Ambiental/Organizacional, que receberam menor pontuação. A primeira obteve uma média de 52,20 e a segunda,

55,67.

Segundo Veronesi Júnior (2008), a esfera Biológico/Fisiológica apresenta aspectos indiscutíveis tanto do ponto de vista da sociologia das práticas sociais quanto do ponto de vista da psicologia, uma vez que o espaço laboral possibilita a constituição do sujeito e afeta a saúde física e mental do trabalhador.

Sobre a Esfera Econômica/Política, os entrevistados disseram estar satisfeitos, atribuindo uma média de 57,41. Essa pontuação refere-se ao resultado dos recursos financeiros obtidos, aos benefícios recebidos, à jornada de trabalho que cumprem e à segurança no emprego. Os dados aqui apresentados ratificam informações que já são de conhecimento do movimento de EcoSol, e apontam os problemas que precisam ser superados para que a EcoSol possa se consolidar como modelo de organização para o trabalho. Albuquerque (2003, p. 205) menciona a necessidade de elaboração e aprovação de instrumentos legais de fácil utilização que fomentem e garantam o modelo de organização para o trabalho pautado na autogestão. Para além da questão legal, é importante citar que na EcoSol o ser humano é “sujeito e finalidade da atividade econômica”.

As esferas Psicológica/Comportamental e Sociológica/Relacional foram as que obtiveram maior pontuação: 75,81 de média e 63,66 pontos, respectivamente.

Os resultados obtidos nas esferas Psicológica/Comportamental e Sociológica/Relacional estão em consonância com o que escreveu Schein (1982): os seres humanos se dedicam mais quando o trabalho tem significância, ou seja, quando o trabalhador julga que seu trabalho é importante, seja para o grupo ou para a sociedade, e quando tem suas expectativas atendidas. Para o autor, as expectativas dos trabalhadores estão necessariamente relacionadas ao retorno financeiro, que podem ser “senso de dignidade e valor da pessoa”, e a possibilidade de aprendizagem contínua, ou crescimento profissional, aspectos que, conforme os dados apresentados, foram bem avaliados pelos trabalhadores dos EES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo apontou que, no geral, os trabalhadores estão satisfeitos com a QVT. Os aspectos capacidade de trabalho dos trabalhadores, significância das atividades realizadas, *feedback* recebido, possibilidade de desenvolvimento profissional, relações estabelecidas no ambiente de trabalho e identificação com o trabalho realizado foram os que receberam maior pontuação na pesquisa aplicada. Não foram investigados os motivos que levaram os entrevistados a apresentarem tais respostas, porém, considerando que o ideário da EcoSol é o aspecto pedagógico inerente à prática da autogestão, os pesquisadores arriscam dizer que o resultado da pesquisa aqui apresentada está relacionado diretamente à prática da autogestão, com exercício da democracia e a venda direta ao consumidor, o que possibilita um bom *feedback* e reconhecimento do trabalho desenvolvido.

Os aspectos “serviços de saúde e assistência social”, “oportunidade de crescimento” e “recursos financeiros” foram os que obtiveram menor nota, portanto carecem de maior atenção. Sobre os dois últimos aspectos citados, cabe ressaltar que, em um estudo publicado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), os dois maiores desafios dos EES são gerar renda adequada aos sócios e viabilizar economicamente os EES. Sendo assim, o resultado da pesquisa mostra que, no que se refere à questão econômica, os EES pesquisados estão em consonância com o panorama nacional.

Mesmo não tendo sido objeto da pesquisa, percebe-se que, para além da questão legal, que impacta a comercialização e, por conseguinte, os rendimentos dos trabalhadores, os EES padecem por falta de formação para gestão e de tecnologias que atendam às suas necessidades.

No campo conceitual, pode-se dizer que trabalho, QVT e EcoSol mantêm uma estreita relação. E também é possível inferir que as discussões em torno desses conceitos surgiram a partir das mudanças que impactaram a história do trabalho. Por fim, percebe-se que, na perspectiva da EcoSol, o trabalho sempre esteve relacionado ao suprimento das necessidades, sejam elas biológicas, psicológicas, sociais ou financeiras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. P. Autogestão. In: CATTANI, A. D. (Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 20-25.

CAVASSANI, A. P.; CAVASSANI, E. B.; BIAZIN, C. C. *Qualidade de Vida no Trabalho: atores que influenciam as organizações*. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 13., 2006, Bauru, SP. *Anais...* Bauru, SP: Unesp, 2006. p. 1-8.

FERNANDES, E. *Qualidade de Vida no Trabalho: como medir para melhorar*. 2. ed. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

FURTADO, O. *Trabalho e Qualidade de Vida*. São Paulo: Cortez, 2011.

KURZ, R. Origem destrutiva do capitalismo: modernidade econômica encontra suas origens no armamentismo militar. *Folha de S.Paulo*, 30 mar. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs300303.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

MAX-NEEF, M. *Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores*. 6. ed. Blumenau: Edifurb, 2012.

NASCIMENTO, C. A autogestão e o “novo cooperativismo”. In: BENINI, E. A. et al. *Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de Economia Solidária*. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 91-100.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 14-20, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. *Versão em português dos Instrumentos de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL)*. OMS, Divisão de Saúde Mental, 2006.

PINTO, G. A. *A organização do trabalho no século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PEDROSO, B. *Desenvolvimento do TQWL-42: um instrumento de avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho*. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2010. Disponível em: <http://www.pg.utfpr.edu.br/ppgep/dissertacoes/diss_2010/DissertaBruno.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SALLES, P. E. M.; FEDERIGHI, W. J. Qualidade de Vida no Trabalho (QVT): a visão dos trabalhadores. *O Mundo da Saúde* [online], São Paulo, v. 30, n. 2, p. 263-278, 2006.

SCHEIN, E. *Psicologia organizacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1982.

SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S. Qualidade de Vida no Trabalho de profissionais de enfermagem, atuantes em unidades do bloco cirúrgico, sob a ótica da satisfação. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online], Londrina, v. 14, n. 1, p. 54-60, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n1/v14n1a08.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SINGER, P. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TIMOSSI, L. S. et al. *Adaptação do Modelo de Walton para Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho*. *Revista da Educação Física* [online], Maringá, v. 20, n. 3, p. 395-405, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/5780/4882>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

VERONESI JUNIOR, J. R. *Fisioterapia do trabalho: cuidando da saúde funcional do trabalhador*. São Paulo: Andreoli, 2008.

WOLECK, A. *O Trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica*. Blumenau: Instituto Catarinense de Pós-Graduação (ICPG), 2002. Disponível em: <<http://www.iesc.ufrj.br/cursos/saudetrab/trabalho%20ocupa%E7%E3o.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 17, 19, 59, 91, 110, 114, 123, 137

Agroindustrialização 311

Alimentação 19, 107, 123, 124, 137

C

Consumo 92, 96, 98, 99, 103, 125, 136

Cultura 18, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 110, 135, 182, 183, 184, 186, 333, 392, 393, 394, 424, 436, 437

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 60, 72, 98, 114, 123, 137, 160, 172, 173, 175, 199, 200, 213, 216, 233, 245, 246, 250, 251, 253, 294, 295, 301, 302, 321, 335, 372, 373, 393, 394

Desenvolvimento Regional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 98, 246, 251, 394

Desenvolvimento Socioeconômico 372, 373

Dissidentes 173

E

Economia solidária 20, 147, 148, 151, 154, 158, 170, 171, 194, 221, 233, 371, 458

G

Globalização 31

I

Inclusão Digital 449

Inclusão Social 449

Incubadora 29, 180, 182, 185, 201, 204, 213, 214, 222, 223, 228, 231, 232, 234, 235, 239, 251, 254

Indústria de transformação 299, 300, 302, 304

Indústria extrativa 299, 300, 301, 302, 304

P

Participação 13, 66, 303, 304

Práticas agroecológicas 112

R

Rede 166, 170, 171, 204, 205, 207, 212, 214, 228, 229, 232, 349, 453, 459

Redes 32, 213, 216, 218, 454

S

Segurança alimentar 112, 115, 123, 320

Sociedade Civil 13, 17

T

Tecnologia Social 233, 449, 453, 457, 458, 459

Território 13, 14, 15, 16, 17, 32, 113, 245

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-505-1

